

História de vida, produção literária e trajetórias urbanas da escritora negra Carolina Maria de Jesus¹.

José Carlos Gomes da Silva²

Um cenário para Carolina

A escritora Carolina Maria de Jesus nasceu na cidade mineira de Sacramento, município vizinho a Uberaba, provavelmente em 1914. Chegou à cidade de São Paulo em 1937 após um longo périplo por cidades do interior paulista. Na condição de mulher negra, migrante e pobre, experimentou as difíceis condições de vida que caracterizavam a metrópole paulistana. O processo de industrialização havia por essa época ingressado em uma nova etapa passando a atrair o trabalhador nacional de diferentes estados. Novas categorias sociais como os retirantes das secas, nordestinos e negros, surgiam em um cenário urbano até então marcado pela presença dos imigrantes europeus. Sabemos muito pouco sobre a forma como os novos atores da vida urbana enfrentaram os desafios da cidade. Por meio dos escritos de Carolina nos foi possível acessar fragmentos daquelas experiências. As narrativas que nos legou registram um conjunto de vozes silenciadas, reunidas por uma personagem de trajetória incomum.

Embora a autora tenha se ocupado nos romances, poemas e peças teatrais de episódios situados no âmbito da vida pessoal e familiar, reportava-se com frequência a questões que diziam respeito às camadas populares. Nas páginas da principal obra, *Quarto de despejo*, encontramos relatos sobre a expulsão dos pobres das regiões centrais, sobre a precariedade dos transportes coletivos, as péssimas condições de moradia em cortiços e favelas. O livro causou profundo impacto na opinião pública dos

¹ O texto é produto de um estágio de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, 2006-2007).

² Professor de Antropologia do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

anos 60 porque pela primeira vez uma voz marginalizada, legitimada pelo falar “desde dentro” aparecia questionando as mazelas da política desenvolvimentista (Meihy & Levine, 1994). Embora no escrito tenha adotado o estilo autobiográfico, a autora deixava evidente que as dificuldades que enfrentava na vida pessoal eram igualmente compartilhadas por milhares de migrantes anônimos.

O cenário urbano que Carolina e os demais migrantes encontraram a partir dos anos quarenta fora modelado pela primeira forma de segregação socioespacial gestada nas décadas iniciais do século XX. Nestes momentos a planta urbana apresentava como características principais a concentração das atividades econômicas e de moradias nas regiões centrais³. Os trabalhadores industriais e do setor doméstico encontravam-se próximos aos locais de trabalho, nas imediações das fábricas e das mansões das elites. A disposição espacial das diferentes classes sociais, embora possibilitasse o encontro dos desiguais no espaço público, obedecia a hierarquizações de natureza socioeconômica. As camadas populares se fixavam nas terras baixas, sujeitas a inundações dos rios e córregos, enquanto as elites ocupavam as terras altas, onde surgiam bairros como Campos Elíseos, Higienópolis e outros que se encaminhavam rumo ao espigão da Avenida Paulista⁴.

Os cortiços se tornaram nesse período a forma mais comum de habitação popular. Apareciam com frequência em bairros como Brás, Bexiga e Barra Funda, sendo ocupados especialmente por imigrantes. A partir dos anos 40 tais edificações prosseguiram, mas desta feita, tinham por objetivo abrigar o trabalhador nacional. Do ponto de vista arquitetônico considerava-se como cortiço o conjunto de cômodos geminados “que [dava] para um pátio ou corredor, e que [tinha] banheiro, cozinha e tanque coletivos”⁵. Havia, porém, uma segunda forma de moradia popular, ainda mais precária, eram os porões, espaços inferiores das casas dos imigrantes, inicialmente destinados ao armazenamento de objetos de pouco uso. A forte demanda por moradia e os baixos custos do aluguel converteram, no entanto, esses locais em alternativa residencial. Segmentos da população negra egressos da escravidão e seus descendentes afluíram para estes espaços. Por isso, mesmo em alguns bairros tradicionalmente

³ “A primeira forma de [segregação sócio-espacial] estendeu-se do final do século XIX até os anos 1940 e produziu uma cidade concentrada em que os diferentes grupos sociais se comprimiam numa área urbana pequena e estavam segregados por tipos de moradia. A segunda forma urbana, a centro-periferia, dominou o desenvolvimento da cidade dos anos 40 até os anos 80”. In: Caldeira, Tereza Pires do Rio. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, EDUSP/Ed. 34, 2000, p. 211.

⁴ Ver a propósito, Rolnik, Raquel. “São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política”, In: Kowarick, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.

⁵ Rolnick, op. cit., p. 80.

ocupados por espanhóis, italianos e portugueses formaram-se agrupamentos que progressivamente adquiriram características de “territórios negros”⁶.

Na metade do século passado a primeira forma de segregação socioespacial paulistana começou, porém, a dar sinais de esgotamento. Uma nova ordenação econômica passou a exigir redefinições no sentido de assegurar o fluxo mais intenso das mercadorias. Coube especialmente ao poder público promover ações no sentido de assegurar a remodelação das edificações e o alargamento de vias outrora destinadas a carroças e bondes. Nesse novo contexto, os cortiços e porões logo passaram a ser vistos como formas inadequadas de habitação. O discurso higienista, que nas primeiras décadas do século XX, servira de justificativa para intervenções pontuais nos momentos em que a metrópole era assolada por epidemias, foi mais uma vez retomado. As formas tradicionais de habitação popular, cortiços e porões, foram então estigmatizadas pelo discurso científico, sendo classificadas como insalubres, inóspitas, focos de “doenças físicas” e “morais”. Tais conclusões permearam a primeira conferência sobre a chamada “moradia econômica” patrocinada em 1941 pelo IDORT (Instituto do Desenvolvimento Racional do Trabalho), órgão da prefeitura. Intelectuais, técnicos e administradores reivindicaram do poder público urgência na mudança do padrão histórico de moradia popular.⁷

Carolina chegou, portanto, à cidade, em um momento de radicais transformações da vida urbana. A erradicação das chamadas “casas de cômodos”, que marcaria sua trajetória, já havia se integrado em definitivo à pauta do discurso oficial como solução para o remodelamento do espaço público. Como consequência da política de expulsão dos pobres do centro urbano, estima-se que, em meados da década de quarenta, cerca de 10 a 15% da população tenham sido obrigadas a abandonar as residências⁸. Os moradores procuraram resistir por meio da Liga dos Inquilinos, mas os protestos não foram suficientes para deter as ações do poder urbano. A exclusão das camadas populares das regiões centrais foi implementada por meio de medidas coercitivas. Coube ao próprio Estado improvisar “barracões precários” no intuito de amenizar a

⁶ Os territórios negros se situavam particularmente nos bairros da Barra Funda, Bela Vista e Baixada do Glicério. Embora segregados, esses locais foram transformados culturalmente, tornando-se espaços referenciados na cultura afro-brasileira. O principal símbolo de distinção, no caso, era o cordão carnavalesco, precursor das escolas de samba. Ver a propósito, Silva, José Carlos Gomes da. *Os sub-urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo, cotidiano, lazer e cidadania*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 1990; “Negros em São Paulo: espaço público e cidadania”. In: Niemeyer, Ana Maria e Godoi, Emília P. (orgs.). *Além dos territórios*. São Paulo, Mercado de Letras, 1998.

⁷ *Revista do Arquivo Municipal*, nº 82, 1942.

⁸ Bonduki, Nabil “Crise de habitação e a luta política no pós-guerra”, in: Kowarick, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 111.

situação da população lançada abruptamente ao relento⁹. O ato de construir “abrigos provisórios” oficializava o novo drama da habitação popular que doravante seria deslocado para as favelas. Mais que uma alternativa caótica de realocação das camadas populares na cidade, a favela surgia como um projeto intencional, fomentado pelo poder público.

O sentimento íntimo do estado de abandono coletivo experimentado pelas camadas populares durante o processo de transição da vida urbana para um novo padrão de segregação espacial foi apreendido subjetivamente por Carolina. A escritora descreveu as transformações em curso enquanto sujeito social e cronista. Narrou o que viu, ouviu e sentiu do ponto de vista dos migrantes pobres, negros e favelados. *Quarto de despejo* - sua obra mais importante – contém relatos de uma gama de situações recorrentes, marcadas por racismo, fome e miséria que vitimavam milhares de pessoas em situações idênticas. Embora o discurso carolinano tenha se desenvolvido em um plano microscópico, subitamente o vemos deslocar-se para a esfera macropolítica. Surgem então nestes casos, expressões indignadas, endereçadas aos políticos, identificados como principais responsáveis pelas adversidades que as camadas populares enfrentavam na vida urbana.

Mas eu já observei os nossos políticos. Para observá-los fui na Assembléia. A sucursal do Purgatório, porque a matriz é a sede do Serviço Social, no palácio do Governo. Foi lá que eu vi o ranger de dentes. Vi os pobres sair chorando. E as lágrimas dos pobres comove os poetas. Não comove os poetas de salão. Mas os poetas do lixo, os idealistas das favelas, um expectador que assiste e observa as tragédias que os políticos representam em reação ao povo¹⁰.

Quando abandonamos as rudezas da vida urbana e nos deslocamos para o contexto literário dos anos 60, verificamos que a situação não se apresentava menos adversa para Carolina. Por essa época, até mesmo as mulheres “brancas e bem nascidas”¹¹, experimentavam dificuldades de inserção no mundo predominante masculino das letras. Também a história da nossa literatura não registrara até aquele instante a presença de escritoras negras. A história de vida de Carolina confirma que o fato de ter se tornado escritora foi algo realmente inusitado, era migrante, residia na favela do Canindé e vivia

⁹ “Algumas vezes, durante o período mais agudo da crise de habitação, no pós-guerra, a própria prefeitura construiu barracões edificadas em série para serem ocupados pelos ‘sem teto’ numa política de angariar prestígio popular”. Bonduki, op. cit. p. 108.

¹⁰ Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo*, p. 54.

¹¹ Expressão empregada por Marisa Lajolo ao se referir à emergência das mulheres no universo literário brasileiro nos anos 60. O surgimento de escritoras como Clarice Lispector e Nélide Piñon, representava uma novidade em um cenário predominantemente masculino. O caso de Carolina era ainda mais inusitado, em “A leitora no quarto dos fundos”. In: *Leitura Teoria & Prática*. São Paulo, jun. 1995, ano 14, n. 25.

da reciclagem do lixo urbano, estudara por um breve período, suficiente apenas para alfabetizá-la. A condição de mulher negra e semi-analfabeta indicava que teria destino idêntico ao de milhares de migrantes recém-chegados à capital paulista, isto é, que padeceria no anonimato e na miséria.

O diário que tinha por hábito escrever sobre o cotidiano da favela ao transformar-se em livro alterou, porém, as previsões sobre seu mais provável destino. *Quarto de despejo* tornou-se um fenômeno editorial desde a primeira edição em 1960. Atingiu de imediato a vendagem de dez mil exemplares nos três primeiros dias de lançamento na cidade de São Paulo. Outros noventa mil foram distribuídos pelo país nos primeiros seis meses. Foi traduzido para 13 idiomas e lido em mais de 40 países¹². Os números permanecem extraordinários até mesmo para os padrões atuais, cujas edições em geral, não ultrapassam a três mil cópias. A emergência de uma personagem tão inesperada no cenário das letras foi, porém, motivo de controvérsias. Especulou-se sobre a hipótese de tratar-se de um golpe publicitário forjado pelo jornalista que a descobriu. O falecimento da autora em 1977, no anonimato e em condições de pobreza, a coloca em posição semelhante à de outros escritores negros como Cruz e Souza e Lima Barreto, marcados igualmente pela tragédia pessoal e reconhecimento público fugaz.

Carolina embora tenha alcançado imenso sucesso nos anos 60, encontra-se, hoje, praticamente desconhecida. Apenas recentemente observamos pequenas ações visando minimizar os efeitos do apagamento a que foi submetida. A biblioteca do Museu Afro-Brasil, no Parque do Ibirapuera e uma EMEI (Escola Municipal de Educação Infantil), ambas no município de São Paulo, decidiram, homenageá-la, adotando o patronímico Carolina Maria de Jesus. Pesquisas desenvolvidas em meados dos anos 90 pelos professores José Carlos Sebe Bom Meihy e Robert Levine reavivaram o interesse acadêmico sobre a escritora.

No âmbito mais restrito dos estudos literários identificamos também dificuldades quanto ao reconhecimento das contribuições de Carolina. O lugar social de onde falava e as características peculiares da escrita são vistos como impasses no sentido de incluí-la no seletivo núcleo dos escritores negros: Luis Gama, Cruz e Souza, Eduardo de Oliveira, Solano Trindade, entre outros, classificados como representantes da *literatura negra brasileira*¹³. Argumenta-se que a obra carolinana, ao contrário das produções dos

¹² Dados fornecidos por Meihy, José Carlos Sebe & Levine, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994, pp. 25 e 26.

¹³ De acordo com Zilá Bernd a pertença ao *campo da literatura negra* pressupõe a emergência na narrativa ou no texto poético de um *eu enunciativo negro*, isto é, de uma postura política que permite a identificação do escritor enquanto afrodescendente, mas esse é um aspecto controverso em Carolina.

escritores mencionados, não se pauta pela observância das exigências da *norma culta*, peculiar à *cultura escrita*. Constata-se, ainda, a ausência de um *eu enunciador negro*¹⁴, considerado fundamental na definição da pertença ao campo da literatura negra. Os elementos mais característicos de suas produções permitiriam situá-la no universo da *literatura marginalizada*, categoria esta na qual se incluem de acordo com Martin Lienhard¹⁵, os escritos elaborados por descendentes de africanos e indígenas nas Américas. Poderíamos, nesse campo, ainda de forma mais restrita, concebê-la como uma representante da *literatura negra marginalizada*.

As produções dos segmentos marginalizados possuem conforme Martin Lienhard algumas particularidades, incorporam expressões próprias à oralidade, inscrevem categorias extraídas de sistemas linguísticos nativos e apresentam transgressões em relação aos padrões normativos da escrita. A violência infratora que os escritores marginalizados manifestam inconscientemente revela não apenas insubordinações à *norma culta*, mas a “pactos e protocolos da cultura, dos cidadãos e cidadãs também excluídos do mundo econômico”¹⁶. Sob a condição marginalizada a grafia se apresenta marcada por expressões cifradas que incluem metáforas e categorias nativas, entre outros elementos discursivos. Nestes casos, o entendimento dos textos envolve estratégias de “escavação” análogas às adotadas pelos arqueólogos. No âmbito da *literatura negra marginalizada* as escavações visam especificamente reconstituir o discurso africano, escravo e afro-brasileiro. A perspectiva aqui esboçada permite-nos conceber as produções literárias de Carolina como um conjunto de testemunhos em que se encontram soterradas as experiências sociais dos negros e migrantes pobres.

Sobre literatura e identidade negra ver as discussões de Bernd, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987; *Introdução à literatura negra*. São Paulo, Brasiliense, 1988; *Poesia negra brasileira. Antologia*. Porto Alegre, AEG Editora, 1992.

¹⁴ A identificação de um *eu enunciador negro* em Carolina tem merecido resposta negativa. Embora participasse do contexto político dos anos 60, encontrava-se alheia aos debates sobre literatura e identidade negra que segundo Zilá Bernd marcaram as produções literárias dos escritores negros do período. Ver a propósito dessa temática, *Poesia negra brasileira. Antologia*, 1992.

¹⁵ Conforme as sugestões de Martin Lienhard, particularmente, nos discursos dos descendentes de indígenas e africanos podemos localizar as percepções dos marginalizados sobre os conflitos étnicos que tiveram lugar na história das Américas. Ver a propósito: Lienhard, Martin. *La voz e su huella: escritura e conflicto étnico-social em América Latina (1942-1988)*. Ciudad de La Habana, Casa de las Américas, 1990; “La représentation de l’oralité populaire ou marginale dans des textes modernes d’Amérique Latine et d’Afrique lusophone”, *Versants*, 30, pp. 9-29, 1996; *O mar e o mato. Histórias da escravidão (Congo – Angola – Brasil – Caribe)*. Salvador, EDUFBA/CEAO, 1998.

¹⁶ Expressão empregada por Marisa Lajolo no sentido de revelar o valor da obra de Carolina Maria de Jesus. In: “Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina”, in: Jesus, & Meihy. (org.) *Antologia pessoal*, Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 1996, p. 59.

História de vida e produção literária

Carolina nasceu na cidade de Sacramento, em 1914¹⁷, um pequeno município do Triângulo Mineiro. A região desenvolvia-se à época sob a influência do principal pólo econômico representado por Uberaba. Ao descrever as origens da escritora se faz necessário destacar a herança africana. O avô materno, Benedito José da Silva, era de origem *cabinda*¹⁸ e havia experimentado as rudezas da escravidão. A mãe, Maria Carolina, nascera sob a Lei do Ventre Livre. A família estruturou-se segundo o modelo matrifocal¹⁹, pois o primeiro esposo abandonou o lar e o segundo também não chegou a coabitar com o núcleo familiar.

O período de escolarização de Carolina foi breve, limitou-se apenas às duas primeiras séries. A inserção no mercado de trabalho ocorreu quando ainda era criança, mas mesmo nas situações penosas, experimentadas no meio rural, sob o sistema de colonato em Minas Gerais, enquanto “bóia fria”, nos cafezais paulistanos, ou ainda, como empregada doméstica, a leitura permaneceu sempre como aliada. Um dos aspectos mais tocantes da sua biografia é o fato de lembrar-se constantemente de levar consigo os livros nos momentos em que necessitava migrar para outra cidade. São recorrentes as reflexões sobre o valor da leitura.

O livro... me facina. Eu fui criada no mundo. Sem orientação materna. Mas os livros guiou os meus pensamentos.

Evitando os abismos que encontramos na vida.

Bendita as horas que passei lendo. Cheguei a conclusão que é o pobre quem deve ler.

Porque o livro, é a bussola que ha de orientar o homem no porvir (...)²⁰

Após migrar em 1937 para a capital paulista Carolina passou a trabalhar exclusivamente como empregada doméstica. Não abandonou, porém, os hábitos de

¹⁷ A grande maioria dos estudos afirma que Carolina nasceu em 1914, mas existem autores que sugerem os anos de 1913 e mesmo 1921. Ver a propósito as discussões de Meihy, José Carlos S. B. “Os fios do desafio: o retrato de Carolina Maria de Jesus no tempo presente”. In: Silva, Vagner Gonçalves (org.). *Artes do corpo*. São Paulo, Selo Negro Edições, 2004, p. 40.

¹⁸ Carolina se dizia descendente dos negros *cabindas*. Emprega essa categoria conforme o sentido usual difundido pelos colonizadores. Estes classificavam os escravos de acordo com os portos de embarque. Sabemos hoje que o termo *cabinda* não corresponde a uma etnia específica, refere-se a “um importante porto de tráfico de escravo, logo ao norte do rio Zaire; assim muitos escravos eram conhecidos como cabindas porque tinham sido exportados por esse porto”. In: Karasch, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000, p. 51.

¹⁹ A antropologia conceitua família matrifocal como sendo aquela em que a chefia é assumida exclusivamente pela mulher.

²⁰ Jesus, Carolina Maria de. *Meu estranho diário*. São Paulo, Xamã, 1996, p. 167.

leitura²¹. Iniciou por essa época as primeiras incursões no campo da literatura publicando um poema no jornal *Folha da Manhã*. A primeira gravidez em 1948 a impediu, porém, de prosseguir no trabalho doméstico. O sonho de ser reconhecida como “poetisa negra” foi interrompido. Demitida do emprego, a busca por moradia se impôs como primeira necessidade. Este foi um momento crítico sobre o qual pouco se sabe. Ela apenas deixou registrado que fora afetada pessoalmente pelas consequências das reformas urbanas.

É que em 1948 quando começaram a demolir as casas térreas para construir os edifícios, nós os pobres, que residíamos nas habitações coletivas, fomos despejados e ficamos residindo embaixo das pontes²².

O contexto histórico confirma que a reurbanização estava alterando radicalmente o antigo padrão de segregação espacial. Alugar uma casa, ou mesmo um porão, no antigo centro urbano naquele momento, era praticamente impossível. Vários fatores contribuía para o déficit habitacional. A Lei do Inquilinato, por exemplo, que congelara o valor dos aluguéis a partir de 1942, havia desestimulado a construção de novas habitações coletivas destinadas à locação. Diante da impossibilidade de realização de ganhos financeiros, aumentando o valor dos aluguéis, os “senhorios” passaram a vender os cortiços, procurando de tal maneira reaver o capital investido. Consequentemente a situação dos inquilinos foi se tornando insustentável. A reestruturação urbana dirigida pelo poder público encontrava-se ainda em estágio incipiente, mas contribuía igualmente para a expulsão dos pobres das áreas centrais. O Plano de Avenidas, iniciado durante o Estado Novo (1937-1945), quando da gestão do prefeito Prestes Maia, colocava em prática a criação das grandes avenidas radiais e o alargamento de dezenas de vias. Por meio da demolição dos antigos casarões e cortiços, da criação de avenidas, como a Radial Leste e 23 de Maio, a expansão do serviço de ônibus e o incentivo à abertura de novos loteamentos, os pobres foram obrigados a residir em locais distantes, situados na nova periferia²³.

²¹ Algumas famílias parecem ter incentivado-a nos estudos, facultando-lhe o acesso a livros e jornais. Cita-se, por exemplo, o caso da família do Dr. Zerbin, famoso cirurgião, que lhe assegurava tais possibilidades e esteve inclusive presente quando do lançamento do livro *Quarto de despejo*.

²² “A literatura e a fome”. Jesus, Carolina Maria de. *Quarto de despejo. Diário de uma favela*. São Paulo, Ed. Ática, 1998, 7ª ed., pp. 171.

²³ De acordo com Teresa P. R. Caldeira esse processo teve início nos anos de 1940 e se estendeu até a década de 80. Foi marcado pela dispersão populacional e a segregação das classes sociais, traduzida no espaço urbano pela alocação da elite e classe média nas regiões centrais bem equipadas e os pobres na precariedade da periferia. In: *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*, p. 218.

A dispersão centro-periferia foi também potencializada pelas ações de despejo movidas contra os moradores. No final dos anos quarenta os juízes passaram a dar ganho de causa aos proprietários ávidos por desocuparem os imóveis. Embora a legislação criasse barreiras que impedisse abusos, tais mecanismos passaram a não ser observados. “Em 1945 foram assinadas 2.614 ações de despejo, número que subiu para 5.121 em 1946”²⁴. Adotando-se um cálculo otimista Nabil Bonduki afirma que, entre 1945 e 1946, mais de 15.000 famílias foram despejadas, atingindo algo em torno de 75.000 pessoas. Os despejos chegaram a afetar entre 10 e 15% dos municípios²⁵.

A falta de abrigos tradicionais, cortiços e porões, destinados aos pobres atingiu pessoalmente Carolina, que foi obrigada a se mudar para a favela do Canindé. Lá construiu pessoalmente a própria moradia. Em 1948 passou a residir na Rua A, barraco nº 9 e o trabalho de “catadora de papel” tornou-se a principal fonte de sustento. Os cadernos que recolhia do lixo eram separados para anotações sobre a vida cotidiana. Os escritos que fazia religiosamente iriam compor o diário, que passou a escrever de maneira mais sistemática a partir de 1955. A transformação dos registros em livro alterou o curso de vida da migrante mineira. *Quarto de despejo* foi lançado em agosto de 1960, proporcionando-lhe momentos de prestígio na mídia e uma situação financeira estável. Pôde então adquirir a desejada “casa de alvenaria”, passando a residir em Santana, um bairro de classe média paulistano. Faleceu em 1977 em condições de pobreza. Residia desta feita em uma chácara no bairro de Parelheiros, periferia da Zona Sul de São Paulo. O local foi por ela nomeado *Chácara Coração de Jesus*²⁶.

Esse breve resumo biográfico confirma que a autora participou de momentos chave da história urbana da cidade de São Paulo. Experimentou a primeira forma de segregação espacial, a desterritorialização rumo às favelas e, posteriormente, os desafios urbanos inerentes à formação da Grande Periferia. O contexto em que se movimentou é, portanto, fundamental para a compreensão de aspectos relativos à biografia e produção literária, mas também nos permite apreender subjetivamente as experiências desenvolvidas pelos negros e os migrantes pobres.

Pode-se alegar que situações pessoais influenciaram decisivamente nos deslocamentos de Carolina na cidade, mas o que desejamos sublinhar são as correlações

²⁴ Bonduki, Nabil “Crise de habitação e a luta política no pós-guerra”, in: Kowarick, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988, p. 111.

²⁵ Bonduki, loc. cit.

²⁶ Mais uma vez a imprensa especulou sobre as relações entre o nome da chácara e o sobrenome da família de Carolina. Sugeriu-se que a escolha seria mais uma expressão da vaidade da autora. A todos a autora respondia que não havia tal intenção. In: Meihy & Levine, *Cinderela negra*, p. 38.

entre história de vida e os processos sociais mais amplos²⁷. A autora registrou as transformações urbanas em meio a percursos pessoais, mas fatores estruturantes mais globais marcaram igualmente seu destino. As alternativas individuais foram naturalmente negociadas em face ao contexto social. O cotejamento das experiências pessoais com os fatores estruturantes auxilia na compreensão da narrativa. As personagens dos romances e peças de teatro circulam em meio a um cenário urbano em transformação. Como se tratam de textos sustentados na biografia, realidade e ficção se confundem e o dado ficcional adquire sabor de depoimento.

Além dos elementos tradicionais, autor, obra e sociedade, considerados fundamentais no estudo das produções literárias existe um segundo aspecto que julgamos decisivo na compreensão da trajetória de Carolina. Trata-se do impacto exercido pela obra na vida pessoal do escritor. Argumenta Dominique Maingueneau que ao realizarmos estudos biográficos de escritores normalmente nos fixamos na história de vida e no contexto social refletidos nos textos, pouco atentamos para o caminho inverso, ou seja, para os efeitos provocados pelos livros na vida dos autores.

De acordo com Maingueneau talvez fosse mais conveniente falarmos em *bio/grafia*, da “biografia que se percorre nos dois sentidos, da vida rumo à grafia ou da grafia rumo à vida”²⁸, porque os livros são, neste sentido, instrumentos interessantes para o estabelecimento de identificação de temporalidades diferenciadoras, na aparente linearidade da vida dos escritores. A obra *Quarto de despejo* estabeleceu em determinado momento rupturas na trajetória de Carolina, mulher negra, migrante e favelada, que parecia fadada a cumprir o destino de padecer na marginalidade. As demais obras, embora em proporções menores, estabeleceram também marcos importantes.

De acordo com Martin Lienhard os textos literários podem ser lidos como documentos históricos. Situados nesta perspectiva constituem vestígios deixados pelos segmentos marginalizados no fluxo da história²⁹. No contexto mais individualizado os livros constituem também marcas importantes deixadas ao longo da caminhada de um escritor. A produção literária de Carolina possibilita essa dupla entrada. Permite a leitura do processo social, mas também a compreensão de uma história de vida relacionada intimamente com as obras.

²⁷ Ver a propósito das relações entre biografia e processos socio-históricos as discussões de Patai, Daphane. *Brasilian women speak*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1988.

²⁸ Maingueneau, Dominique. *O contexto da obra literária. Enunciação, escritor e sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1995, p. 46.

²⁹ Lienhard, M. *La voz e su huella: escritura e conflicto étnico-social em América Latina*, 1990.

Analisaremos a seguir as implicações das obras na trajetória de vida da autora, bem como, as experiências sociais correlacionadas aos textos. Adotamos para efeito de classificação do legado carolinano a proposta de Meihy³⁰, porém acrescentamos os subitens “textos memorialísticos”³¹ e “poemas”. O conjunto da obra apresenta-se assim organizado:

- 1- Diários;
- 2- Peças de teatro;
- 3- Provérbios;
- 4- Contos;
- 5- Romances;
- 6- Cartas e bilhetes.
- 7- Textos memorialísticos
- 8- Poemas

Produção literária

<i>Quarto de despejo (diário de uma favela)</i>	São Paulo	Francisco Alves	1960, 1ª ed.
<i>Quarto de despejo. Diário de uma favela</i>	São Paulo	Ediouro	1976
<i>Quarto de despejo. Diário de uma favela</i>	São Paulo	Ed. Ática	1998
<i>Casa de alvenaria. Diário de uma ex-favelada</i>	São Paulo	Francisco Alves	1961
<i>Meu estranho diário</i>	São Paulo	Ed. Xamã	1996

2- Provérbios

<i>Os provérbios de Carolina Maria de Jesus</i>	São Paulo	Áquila	1963
---	-----------	--------	------

3- Romances

<i>Pedaços da fome</i>	São Paulo	Áquila	1963
<i>O escravo</i>	*Inédito		

4- Peças de teatro

<i>Obrigado Senhor vigário</i>	*Inédita		
--------------------------------	----------	--	--

³⁰ Meiy, José Carlos Sebe B. “Os fios do desafio”, p. 33.

³¹ Os materiais considerados memorialísticos são aqueles em que a autora relata as ulteriores experiências de vida. Meihy se refere apenas aos textos “Sócrates africano” e “Minha vida”. Incluímos nesta relação o livro *Diário de Bitita*, pois detalha e amplia as informações dos textos mencionados. In: Meihy, “Os fios do desafio”, p. 41.

5- Textos memorialísticos

<i>Diário de Bitita</i>	Rio de Janeiro	de	Nova Fronteira	1986
<i>Sócrates africano</i>	Rio de Janeiro	de	Ed. UERJ	1994
<i>Minha vida</i>	Rio de Janeiro	de	Ed. UERJ	1994

6- Poemas

<i>Antologia Pessoal</i>	Rio de Janeiro	de	Ed. UERJ	1996
--------------------------	----------------	----	----------	------

Os poemas

Carolina começou a escrever poemas provavelmente em meados dos anos de 1930, quando se encontrava em Franca, interior de São Paulo, trabalhando como empregada doméstica em uma instituição religiosa. O primeiro poema que produziu foi dedicado a uma das irmãs da Santa Casa de Franca. Quando migrou para a capital paulista, em 1937, passou a escrever poesias com maior frequência. Vislumbrou pela primeira vez a possibilidade de vê-las poesias publicadas em jornais da grande imprensa. Contou, à época, com o apoio do jornalista Villi Aurelli. Conseguiu em consequência desses primeiros esforços que o “O colono e o Fazendeiro” fosse publicado no jornal *Folha da Manhã* (1941). Este feito não teve, porém, continuidade. Segundo os pesquisadores a proposta literária não apresentava novidades suficientes para destacá-la junto à opinião pública.

Carolina encontrava-se do ponto de vista estético referenciada em padrões que a crítica literária considerava ultrapassados³². Embora a produção poética fosse expressiva, não foi possível publicá-la em vida. Por iniciativa de José Carlos Sebe Bom Meihy os poemas foram postumamente reunidos no livro *Antologia pessoal* (1996). A obra poética revela a faceta mais intimista da autora. A predileção por autores românticos como Casemiro de Abreu e Gonçalves Dias explica o fato de ter se fixado em temas como saudade, amor, natureza, pátria e heróis.

Os poemas contrastam particularmente com os diários no pelo distanciamento das questões sociais. A crítica social aparece de forma direta apenas em “O Colono e o Fazendeiro”, poema em que narra as mazelas do regime de colonato, situação que experimentou enquanto trabalhadora rural nas fazendas dos interiores de Minas Gerais e

³² Sobre os aspectos estéticos da poesia de Carolina ver as análises de Lajolo, Marisa “Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina”. Jesus, Carolina Maria & Meihy, José Carlos Sebe B. (org.) *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1996, pp. 37-61.

São Paulo. Curiosamente não identificamos nas poesias, qualquer comentário crítico em relação ao trabalho doméstico, atividade que exerceu no momento em que se concentrou de maneira mais efetiva na produção poética. A rejeição às condições opressivas do trabalho doméstico somente apareceriam posteriormente no romance *Pedaços da fome* e na peça de teatro *Obrigado senhor vigário*.

Os posicionamentos políticos assumidos por Carolina nos poemas podem ser mais bem compreendidos quando nos reportamos às práticas de dominação populistas, características dos 1960. As poesias em que cita personalidades do mundo político como Ademar de Barros e a esposa Leonor, reproduzem o imaginário paternalista vigente. Do ponto de vista dos políticos do período, apresentar-se como “pai dos pobres”, fiadores e protetores das carências populares era estratégico na conquista do eleitorado. A associação das imagens dos políticos a valores filantrópicos, caridade, “doação” era prática recorrente. Carolina reproduziu as concepções dominantes em alguns poemas. O fragmento seguinte é exemplar.

Dona Leonor

Para o pobre que dorme na calçada
Que conhece na vida só o estertor
A sua alma era agasalhada
Com o carinho de Dona Leonor
O pobre que não conhece o lar
Que infesta nossa cidade
Para ele Dona Leonor e Ademar
São quase divindades³³.

Em *Quarto de despejo* observamos exatamente a negação do paternalismo político. Identificamos diferentes momentos em que se posiciona criticamente em relação aos líderes populistas

Quem nos protege é o povo e os Vicentinos. Os políticos só aparecem aqui nas épocas eleitoraes³⁴.

Eu quando estou com fome quero matar o Janio, quero enforcar o Adhemar e queimar o Juscelino. As dificuldades corta o afeto do povo pelos políticos³⁵.

Os políticos sabem que sou poetisa. E o poeta enfrenta a morte quando vê o seu povo oprimido³⁶.

³³ Jesus, Carolina M. “Dona Leonor”, in: *Antologia pessoal*, p. 233.

³⁴ Jesus, *Quarto de despejo*, p. 33.

³⁵ Jesus, op. cit., p. 34.

³⁶ Jesus, *ibidem*, p. 40.

Os diários

Carolina começou a escrever diários em meados dos anos 50 quando já se encontrava residindo na favela do Canindé. Há informações sobre textos no formato de diário que teriam sido por ela escritos em meados dos anos 40, sendo inclusive publicados na grande imprensa, porém, sem alcançar maior destaque³⁷. O ato de registrar em papel os eventos da vida diária foi descrito por ela mesma como uma forma de escapismo da dura realidade que enfrentava.

Quando escrevi o meu diário não foi visando publicidade. É que eu chegava em casa, não tinha o que comer. Ficava revoltada interiormente e escrevia. Tinha impressão que estava contando as minhas magoas a alguém. E assim surgiu Quarto de Despejo³⁸.

Foi o gênero diário que a consagrou, lhe rendeu reconhecimento, fama e dinheiro. A história registra que as anotações que fazia cotidianamente transformaram-se em livro “por mero acaso”. Em abril de 1958 o jornalista Audálio Dantas, que trabalhava para a revista *O Cruzeiro*, dirigiu-se à favela do Canindé para elaborar uma matéria sobre a instalação de equipamentos de playground pela prefeitura. Porém constatou *in loco* que em vez das crianças, eram os adultos que faziam uso dos brinquedos. Subitamente Dantas ouviu uma mulher negra bradar em tom de desafio. “Deixa estar que eu vou botar todos vocês no meu livro”. O jornalista resolveu indagar-lhe sobre o significado da expressão. Carolina foi enfática. “O livro que estou escrevendo sobre as coisas da favela”.

Fui ver o livro. E pela primeira vez entrei no barraco número 9 da Rua A, favela do Canindé. E vi os cadernos do guarda-comida escuro de fumaça. Narrativa diária da vida de Carolina e da vida da comunidade-favela. Coisa bem contada, assim como aparece agora em letra de fôrma, sem tirar nem pôr. Eu vi eu senti. Ninguém podia melhor do que a negra Carolina escrever histórias tão negras. Nem escritor transfigurador poderia arrancar tanta beleza triste daquela miséria tãda. Nem repórter de exatidão poderia retratar tudo aquilo no sêco escrever. Foi por isso que eu disse assim para Carolina Maria de Jesus, lá mesmo, na horinha que lia trechos de seu diário:

___ **Eu prometo que tudo isto que você escreveu sairá num livro.**³⁹

O livro foi publicado em agosto de 1960. Os escritos de Carolina foram editados pelo jornalista, que afirmava não ter promovido “grandes modificações” nos originais, apenas excluía fragmentos no intuito de evitar repetições. Introduzira também

³⁷ Ver depoimento de Audálio Dantas, in: Meihy & Levine, *Cinderela negra*, p. 104.

³⁸ Jesus, *Casa de Alvenaria*, p. 181.

³⁹ Dantas, Audálio “Nossa irmã Carolina. Apresentação de Audálio Dantas”, 1960. (*grifos do autor*).

pequenas correções gramaticais que visavam garantir a compreensão do texto⁴⁰. Nos registros da própria autora identificamos também algumas lacunas. As anotações começam em 15 de julho de 1955 e são interrompidas em 28 de julho de 1955. São retomadas em 02 de maio de 1958 e encerram-se em 1º de janeiro de 1960. Há um grande hiato sem anotações, localizado mais precisamente entre os anos de 1956 e 1957. O próprio Audálio Dantas sugeriu no “prefácio” de *Quarto de despejo* que a ausência de escritos nesse período talvez tenha sido motivada “por desesperança”.

Quarto de despejo foi classificado pelos pesquisadores como uma espécie de autorretrato da miséria urbana. Segundo Carlos Vogt o realismo das narrativas a aproxima dos escritos do antropólogo Oscar Lewis sobre a cultura da pobreza⁴¹, com a diferença substancial de que, ao contrário do etnólogo, a escritora se colocava como intérprete e protagonista da própria experiência social. Embora Carolina seja valorizada pela fala “desde dentro”, demonstra em outras situações que não se encontrava inconsciente aos processos de reestruturação urbana que se efetivavam como um ataque ao direito dos pobres à cidade. O título do primeiro livro, *Quarto de despejo*, alude claramente ao grande “despejo coletivo” em voga na década de quarenta:

Classifiquei a favela de quarto de despejo porque em 1948, quando o Dr. Prestes Maia começou a urbanizar a cidade de São Paulo, os pobres que habitavam os porões foram atirados ao relento⁴².

A discriminação racial é um tema que aparece de maneira ambígua em Carolina. O fato gerou diferentes interpretações entre os pesquisadores. Para George Andrews, Carolina revela por meio da escrita o conformismo característico dos negros excluídos da economia urbana em relação ao racismo. Nesse sentido afirma, “Jesus indica apenas um interesse passageiro e ocasional nas questões raciais”⁴³. Robert Levine, outro pesquisador norte-americano, que adotou *Quarto de despejo* como leitura fundamental

⁴⁰ “... tenho de acrescentar que, em alguns poucos trechos, botei uma ou outra vírgula, para evitar interpretação dúbia de frases. Alguns cedilhas desapareceram, por desnecessárias, e o verbo **haver**, que Carolina entende apenas com um **a** assim soltinho, confundido facilmente com o **artigo**, ganhou um **h** de presente (...). De meu no livro, há ainda uns pontinhos que aparecem assim (...) e indicam supressão de frases. Quando os pontinhos estão sozinhos, sem (), nos parágrafos, querem dizer que foi suprimido um trecho ou mais de um trecho da narrativa original” (Audálio Dantas in: *Quarto de despejo*, 1960, p. 11).

⁴¹ Segundo Vogt o livro “estaria melhor caracterizado se, ao invés de literário, o vissemos dentro daquela espécie de realismo etnográfico desenvolvido pelo antropólogo Oscar Lewis nos anos quarenta e cinquenta (...) sobre a cultura da pobreza. Vogt, Carlos “Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (O *Quarto de despejo* de Carolina Maria de Jesus)”. In: Scharcz, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 209.

⁴² Jesus, Carolina Maria. *Casa de Alvenaria. Diário de uma ex-favelada*. São Paulo, Francisco Alves, 1961, p. 181.

⁴³ Andrews, George R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo, EDUSC, 1998 *Negros e brancos em São Paulo*, 1998, p. 31.

em cursos que ministrava nos Estados Unidos, também questionou a postura que considerava conformista: “com o [livro] em punho eu questionava a classe: *por que esta mulher era tão dócil?*”⁴⁴. José Carlos S. Bom Meihy (1994) identificou na ambivalência em relação à questão racial a dificuldade em classificá-la como defensora da *causa negra*.

Assumimos que Carolina falava do ponto de vista dos marginalizados e que as críticas ao racismo que proferiu circunscrevem-se às experiências pessoais, sem articulá-las com ordem social mais ampla. Conforme os estudos de José Murilo de Carvalho⁴⁵, nas primeiras décadas do regime republicano, as classes populares privadas dos canais institucionais de expressão interpretaram o funcionamento do sistema político como “patrimônio das elites”. Entendemos que o *gap* entre os excluídos e o sistema de poder, que o autor identifica nos primórdios República, não tinha sido superado na década de sessenta. O inconformismo dos segmentos populares continuava situar-se na esfera do cotidiano, a reger-se pela lógica da indiferença, do não reconhecimento dos seus interesses nas instituições formais.

Carolina encontrava-se distanciada de tal universo e, inclusive, dos segmentos negros politicamente engajados⁴⁶. Mas, embora não empregasse um discurso peculiar à militância negra de época, sabia que a situação dos afrodescendentes na favela era especial e que apenas aparentemente a pobreza igualava a todos. Percebia que os pobres viviam indistintamente os mesmos dramas da fome, miséria, doenças e alcoolismo, mas entendia também que o preconceito racial tornava a luta pela sobrevivência mais dramática do ponto de vista dos negros.

...Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondiam-me:

___ É pena que você é preta.

(...)

... Um dia, um branco disse-me:

___ Se os pretos tivessem chegado ao mundo depois dos brancos, aí os brancos podiam protestar com razão. Mas, nem o branco nem o preto conhece a sua origem.

O branco é que diz que é superior. Mas que superioridade apresenta o branco? Se o negro bebe pinga, o branco bebe. A enfermidade que atinge o preto, atinge o branco. Se o branco sente fome, o negro também. A natureza não seleciona ninguém⁴⁷.

⁴⁴ Levine, Robert. “Um olhar norte-americano”, in: Meihy, J. C. S. B. & Levine, Robert, *Cinderela negra*. p. 202.

⁴⁵ Carvalho, José Murilo. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.

⁴⁶ Discuto mais especificamente esse tema no texto “Literatura negra e identidade racial em Carolina Maria de Jesus”. Silva, José Carlos G. mimeo, 2006.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 65.

A publicação de *Quarto de despejo* foi precedida da edição de fragmentos pela revista *O Cruzeiro*, mesmo assim, o livro se tornou um fenômeno de vendas e um marco na história do livro no Brasil. O sucesso editorial expôs publicamente a dramática situação experimentada pelas classes populares na cidade e o sofrimento pessoal da escritora. Um admirador sensibilizado com o drama de Carolina cedeu-lhe temporariamente uma pequena casa no município de Osasco. Com isso, ela pode deixar de imediato a favela do Canindé. Adquiriu posteriormente a casa própria e mudou-se em 24 de dezembro de 1960 para o bairro de Santana. O novo endereço passou a ser a rua Benta Pereira, nº 562. Comprometeu-se com a editora que escreveria outro diário, desta feita narrando o cotidiano de ex-favelada.

Em *Casa de alvenaria* Carolina descreveu as atribulações da vida de escritora e ex-favelada. No novo diário focalizou os conflitos originados pela mudança repentina de status, a moradia por um breve momento em Osasco, a aquisição da casa própria, o convívio com o sucesso, as relações com os vizinhos e a imprensa, os políticos e a comunidade negra. O livro foi lançado em novembro de 1961. Os registros datam de 05 de maio de 1960 a 21 de maio de 1961. Mais uma vez coube a Audálio Dantas a reorganização do texto. O procedimento adotado foi similar ao anterior, conforme os esclarecimentos ao leitor, *no trabalho de compilação houve cortes de grandes trechos, todos sem maior significação. Ficou o essencial, o importante, funcionando como uma película cinematográfica. Os originais estão guardados para possível confrontação*⁴⁸. Na “Apresentação” de Dantas, percebe-se que as relações entre o jornalista e a escritora encontravam-se estremecidas. No final, entre outras sugestões, ele a aconselhava retornar às origens humildes, *consERVE aquela humildade, ou melhor recupere aquela humildade que você perdeu um pouco – não por sua culpa – no deslumbramento das luzes da cidade.*⁴⁹

O resultado comercial de *Casa* foi pífio quando comparado a *Quarto*. Alcançou inicialmente vendas em torno de três mil exemplares, porém, de um total de dez mil que havia sido impresso. O livro é, no entanto, importante do ponto de vista da percepção do racismo observado no universo da classe média urbana. O texto registra situações no bairro, hotéis e em diferentes outros espaços que testemunham práticas de racismo que afetam os negros quando estes ultrapassam os espaços sociais que

⁴⁸ Dantas, Audálio. “Casa de alvenaria – história de uma ascensão social”, in: Jesus, *Casa de alvenaria*, p. 9.

⁴⁹ *Ibidem*, p. 10.

historicamente lhes foram reservados. Carolina exemplifica este aspecto ao referir-se à situação experimentada pelos filhos no bairro de Santana:

O que tenho pavôr é de residir na rua Bento Pereira. Se uma criança entra na minha casa as mães correm e ritiram os filhos dizendo:-lhes, Vocês não devem brincar com os filhos de Carolina!

E cheguei a conclusão que tudo que existe no mundo, é imposto pelos brancos. Eles é quem cultivam o preconceito⁵⁰.

Em função do prestígio alcançado nessa etapa da vida a autora pôde olhar criticamente e com maior autonomia a questão racial. Foi também nesse instante que surgiram os primeiros contatos com líderes do movimento negro, poetas e escritores que possuía uma história de militância na cidade, iniciada nos anos 20 e 30, mas que logrou prosseguimento nos anos subsequentes⁵¹. Este segmento da intelectualidade negra desejava ardentemente transformar Carolina em símbolo da luta antirracista. Setores outros da sociedade tinham também motivos para assediá-la. A grande imprensa, por exemplo, a convidava para debates sobre os problemas da favela, os políticos de diferentes espectros ideológicos desejavam render-lhe homenagens. A elite promovia eventos filantrópicos e a incluía como atração. Os pobres em geral solicitavam ajuda financeira. Em *Casa de Alvenaria* somos informados sobre as diferentes pressões que precisou administrar, bem como, as soluções que colocou em prática. Para os críticos o “fracasso pessoal” de Carolina reside na incapacidade demonstrada, em lidar com as novas exigências, demandas e conflitos proporcionados pelo sucesso.

O certo é que a partir da publicação de *Quarto de despejo* a autora teve de enfrentar uma série outra de problemas. Apenas este livro mereceu, até hoje, reedições. A história da obra se confunde com a da própria escritora, pois a acompanhou nos momentos de brilho, gerou dividendos que a auxiliaram financeiramente e foi responsável pelo seu repentino retorno ao mercado editorial em 1976.

Entre 1964 e 1976 Carolina manteve-se “exilada”, residindo na pequena chácara situada na periferia da Zona Sul. O período de ostracismo em Parelheiros foi produto de um conjunto de situações pessoais e editoriais, mas a vigência do regime ditatorial também indiretamente reforçou o isolamento. O ambiente de dificuldades para a

⁵⁰ Jesus, *Meu estranho diário*, p. 201.

⁵¹ Sobre a importância a organização política dos negros por meio de uma literatura alternativa ver Silva, José Carlos Gomes da. *Os sub-urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo. Cotidiano lazer e cidadania* Dissertação de mestrado, IFCH-UNICAMP (1990)

impressão e reimpressão de obras que sugerissem qualquer crítica social impôs uma espécie de “autocensura” aos editores. Do ponto de vista do mercado editorial a escritora havia se tornado um “produto gasto” após o frenesi suscitado pela estreia (Meihy, 1994).

Diferentes razões contribuíram para que Carolina fosse relegada a um longo período de esquecimento. As poucas informações que surgiam sobre a nova vida que passara a levar no sítio em Parelheiros se limitavam à imprensa escrita. A maioria das reportagens tinha conteúdo sensacionalista e por vezes ofensivo, que reforçava a imagem de “escritora fracassada”. Foi nesse contexto que surgiram fotografias de Carolina nas ruas de São Paulo na situação de “catadeira de papéis”. Aparentemente tais ações teriam sido forjadas por jornalistas inescrupulosos interessados em manchetes espetaculares, do tipo, “Carolina voltou a catar papéis”. Tratava-se para alguns de mera teatralização que teria contado com a aprovação da autora, pois ao deixar-se fotografar em tal condição, acreditava poder despertar novamente as atenções da opinião pública. Fato semelhante teria acontecido ao menos duas vezes durante os períodos em que residiu em Santana e Parelheiros⁵².

A volta ao mercado editorial e à mídia somente foi possível de fato em 1976, quando um editor decidiu comprar os direitos de *Quarto de despejo* em poder da editora Francisco Alves. O livro foi relançado em edição de baixo custo pela série Edibolso⁵³. Um ano antes de falecer a “poetisa negra” faria as últimas aparições públicas, como uma espécie de prenúncio do final da própria odisséia. Como parte do relançamento da obra foi vista autografando em diversos locais, Shopping Iguatemi, Viaduto do Chá e Praça da República⁵⁴. Desta feita escrevia simplesmente nas dedicatórias: “Com afeição, Carolina Maria de Jesus” ou “Deus guie você”⁵⁵. A propósito, durante as nossas pesquisas em acervos, localizamos uma dedicatória ao jornalista Cláudio Abramo na capa do livro *Casa de Alvenaria*.

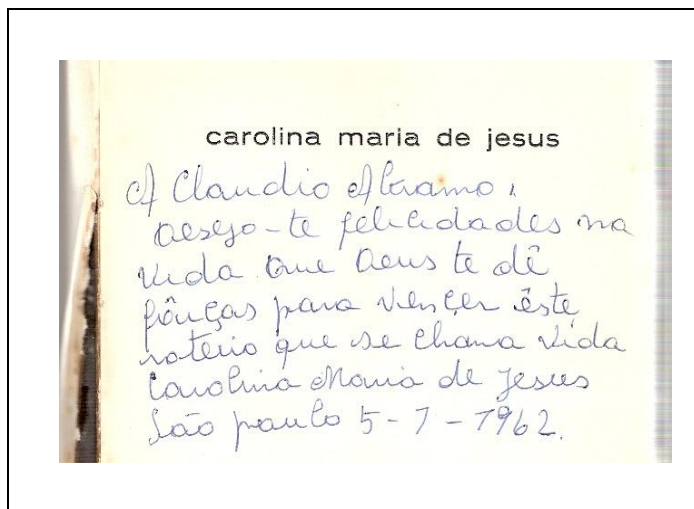
⁵² Conforme Audálio Dantas, in, Meihy & Levine, *Cinderela negra*, 1994: 106.

⁵³ Meihy & Levine, *Cinderela Negra*, p. 41.

⁵⁴ Meihy & Levine, loc. cit.

⁵⁵ Meihy & Levine, loc. cit.

Documento 1: dedicatória



Dedicatória in: *Casa de alvenaria*. Exemplar localizado na Biblioteca do Centro Cultural São Paulo.

Em 1998 a Editora Ática apresentou mais uma nova edição do famoso diário. O formato seguia a tendência habitual dos romances destinados ao público estudantil. Além de compactado em menor número de páginas, trazia como novidade um roteiro de “estudo dirigido”, indicando sua possível utilização em atividades pedagógicas pelos professores do ensino fundamental e médio.

As edições de *Quarto de despejo* até aqui analisadas se referem a reproduções do texto original de 1960. Em 1996 a editora Xamã modificou essa tendência. Lançou uma versão conjunta dos diários com o título *Meu estranho diário*. Por iniciativa dos pesquisadores Meihy & Levine que haviam concluído um grande projeto de pesquisa sobre a autora, decidiu-se pela publicação sem cortes dos manuscritos. Diferentemente da primeira versão, cujas anotações iniciavam no ano de 1955, o novo texto incluía registros a partir de 1958 e prosseguia até o ano de 1963. O grande mérito da nova edição foi proporcionar aos leitores o acesso a informações integrais e registros inéditos do período 1962-63. Pôde-se, desta forma, conhecer detalhes sobre as atribulações que a Carolina experimentou nos momentos que antecederam a súbita mudança e a estadia em Parelheiros.

Provérbios, romances e peças de teatro.

Ao concluir *Casa de Alvenaria* (1961) Carolina decidiu abandonar o gênero diário. Acreditava que poderia ser reconhecida como escritora de romances. O jornalista Audálio Dantas que se tornara uma espécie de tutor e gestor financeiro - pois tinha participação nos exemplares vendidos e controle sobre a conta bancária - a advertiu sobre os problemas que poderia encontrar caso optasse por outra modalidade literária. De maneira a reprová-la afirmava, “guarde aquelas ‘poesias’, aqueles ‘contos’ e aqueles ‘romances’ que você escreveu. A verdade que você gritou é mais forte do que você imagina”. Com tais argumentos, tentava dissuadi-la do novo projeto.

A autora mantinha com o jornalista uma relação complexa, ora o classificava como protetor, a quem era grata, ora como explorador. Decidiu, por fim, não acatar as restrições de Dantas e aventurou-se por outros gêneros literários. Os lançamentos de *Provérbios* (1963) e *Pedaços da fome* (1963) estabeleceram um novo marco em sua trajetória. A tentativa de firmar-se como escritora plena, não restrita ao formato diário, resultou em inflexões na carreira de sucesso. Os livros foram lançados pela pequena editora Aquila, contando com autofinanciamento. Audálio Dantas afirmou posteriormente que a investida da escritora fora encorajada por pessoas inescrupulosas que teriam se aproveitado do momento para explorá-la. O fracasso de mercado teve imediatas implicações nas finanças de Carolina. Sobre *Provérbios* afirma Meihy:

Foi mesmo um ato de teimosia, pois não houve editor que aceitasse publicá-la. *Provérbios* vendeu ainda menos que *Casa*, e além de tudo não gerou nenhum lucro. Talvez, no máximo, tenha servido para satisfazer o próprio ego e a angústia de não sair de circulação e se mostrar como escritora “de literatura”. O resultado foi uma piora de suas condições financeiras já precárias⁵⁶.

A mesma situação se verificou com *Pedaços da fome*. O livro reeditava do ponto de vista da narrativa os tradicionais problemas de inadequação à *norma culta*. Conforme a opinião do poeta negro Eduardo de Oliveira, que escreveu o prefácio, não se poderia avaliar a obra por meio do rigor da “linguagem exigível pelos estetas da literatura”⁵⁷. Nesse campo ela não se sustentaria, mas do ponto de vista que nos interessa, isto é, enquanto registro das vozes marginalizadas, cumpre valorizá-la.

⁵⁶Ibidem, p. 35.

⁵⁷ O fato de Eduardo de Oliveira ter prefaciado o livro é um indicativo da aproximação de Carolina com o campo da literatura negra nos anos 60. Sabe-se que as lideranças políticas e artistas negros procuravam estreitar essas relações. Registros dessas ações localizam-se nas páginas de *Casa de Alvenaria*, mas também nos jornais negros: *Niger*, *Mutirão* e *O Ébano*.

O livro apresenta narrativas certamente fundamentadas nas experiências de vida da escritora. A heroína Maria Clara de *Pedaços da fome* tinha, no entanto, origem social oposta à de Carolina. Era branca, rica e filha de um fazendeiro, mas o casamento com Paulo, um falso dentista, levou-a a compartilhar na capital paulista a dura realidade dos migrantes, a luta pela sobrevivência, o trabalho doméstico e a precariedade dos cortiços. Os problemas relativos à moradia nos anos 40, envolvendo despejos, desapropriações e o elevado custo dos aluguéis aparecem sob a forma de ficção. Sabemos, contudo, tratar-se de situações reais às quais a própria escritora vivenciou previamente à mudança para a favela em 1948.

As condições opressivas do trabalho doméstico, que Carolina vivenciara entre 1937-1948, aparecem alegoricamente no romance. Por meio do despotismo de Dona Raquel, a tia de Paulo, o poder das patroas é severamente criticado. No romance, a situação de dominação pessoal se materializa quando da hospedagem de Paulo e Maria Clara na mansão da Dona Raquel. Como consequência, a jovem fazendeira se vê transformada em empregada doméstica. Através da narrativa ficamos sabendo que a atividade envolvia uma rotina exaustiva de afazeres e privação da liberdade. A vigilância da patroa e os controles no ambiente da casa são descritos como similares àqueles anteriormente experimentados pelas escravas na casa-grande. Em semelhante contexto a liberdade somente poderia ser obtida mediante a fuga. Foi essa a atitude tomada por Maria Clara e o esposo.

Maria Clara é colocada por todo o tempo da narrativa como chefe de família. Paulo é descrito como um marido indolente, incapaz de auxiliá-la. Não conseguia trabalhar nem cooperava nas tarefas do lar. Por meio do drama da personagem a escritora abordou uma situação social extensiva a outras mulheres negras do período, isto é, a questão da matrifocalidade. O mesmo problema foi analisado por pesquisadores que se dedicaram ao estudo das famílias negras no contexto dos anos 1930. Florestan Fernandes observou, por exemplo, que naquele contexto “o trabalho ocasional e o ganho esporádico conduziram os homens [negros] a um estado tal de dependência e de penúria, que as mulheres se converteram no seu principal expediente de ‘luta pela vida’”⁵⁸. Entendemos tratar-se da mesma questão recriada literariamente por Carolina. O tema lhe era familiar em função da própria história de vida. A propósito, jamais admitiu estabelecer laços matrimoniais com eventuais namorados e amantes. Assumiu pessoalmente o sustento da família e o cuidado dos filhos. Manifestou sempre

⁵⁸ Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Ed. Ática, 1978, v. 1, p. 79.

posicionamento crítico em relação ao casamento, concebendo-o como instituição que legitimava a dominação masculina. A propósito da condição de mulher solteira em comparação às casadas afirma...

Os meus filhos não são sustentados com pão de igreja. Eu enfrento qualquer espécie de trabalho para mantê-los. E elas, tem de mendigar e ainda apanhar. Parece tambor. A noite enquanto elas pedem socorro eu tranqüilamente no meu barracão ouço valsas vienenses⁵⁹

Na peça teatral, *Obrigado senhor vigário*⁶⁰, a autora retomou algumas das questões presentes em *Pedaços da fome*. A exploração do trabalho doméstico, o anseio pela liberdade e a desagregação do núcleo familiar, aparecem articulados na caracterização da personagem Clara, a jovem órfã, herdeira de João Ruiz que teve os bens de herança confiados a tutores, no caso, o tio Manoel, irmão de João Ruiz e esposa. A riqueza à qual a jovem faria jus com o falecimento do pai foi apropriada pelos tios-tutores. Helena, a tia de Clara, reedita na peça teatral a mesma postura despótica de Dona Raquel, em *Pedaços da fome*. A jovem herdeira é descrita como vítima da ganância dos tutores. Criada em condições servis, foi obrigada a assumir o incansável trabalho doméstico. Transformou-se, a exemplo de Maria Clara, numa espécie de escrava, privada de direitos e liberdade. O acesso à alfabetização somente lhe seria possível graças à atitude benevolente de um primo que, sabedor da história, ousou contrariar as determinações dos pais. O vigário, a quem o pai de Clara confiara também o segredo da herança, reapareceu no dia do casamento imposto à jovem pelos padrastos. Nesse momento o frei lhe revelou a verdade e a libertou do jugo dos tios.

O tema da opressão no trabalho doméstico é, portanto, um aspecto recorrente nas narrativas de Carolina. Utilizando-se do recurso ficcional a autora busca convencer-nos que na atividade de empregada doméstica ainda vigoravam relações de dominação características do período escravocrata. Sugere que no contexto do trabalho livre são as patroas que passam a reeditar as velhas posturas dos senhores de escravos. Curiosamente as mulheres transformadas em empregadas domésticas nos escritos são brancas. Com tal estratégia pretendia contornar o caráter de depoimento. Extrai-se, portanto, do conjunto dos escritos carolinanos a “tese” de que o trabalho doméstico representa a continuidade da opressão da mulher negra após “o cativoiro”.

Há uma foto sugestiva da época em que Carolina já desfrutava do sucesso de escritora que exemplifica a forma como encarava o passado. Na imagem a autora

⁵⁹ Jesus, Carolina. *Quarto de despejo*, p. 18.

⁶⁰ O texto nos foi gentilmente cedido para estudos pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy, pesquisador incansável da obra de Carolina.

aparece vestida “com *tailleuer* de veludo, muito elegante, cruzando o viaduto do Chá, usando colar de pérolas e bolsa fina”⁶¹ a exemplo das mulheres da elite. As mesmas imagens podem ser vistas no videodocumentário *Carolina*, de Jefferson De. Os registros indicam o desejo de exprimir por meio da vestimenta a inversão do status de doméstica. Sabe-se também, através de depoimentos, que a autora era uma empregada diferenciada. A capacidade de leitura e o nível de informações que possuía a possibilitava interagir de maneira menos formal com os patrões. Alguns teriam lhe facultado, inclusive, o acesso a jornais e livros (Levine & Meihy, 1994).

Se nos poemas e diários a condição de empregada doméstica permaneceu como tabu, sabemos que o fato não foi omitido na peça teatral e no romance. As referências à opressão nas obras concebidas como ficcionais põem em relevo o despotismo das patroas. A nossa interpretação é que o trabalho doméstico emerge nas narrativas carolinanas como continuidade da escravidão por outros meios.

Textos memorialísticos

Os textos memorialísticos *Diário de Bitita*, *Minha vida* e *Sócrates Africano* são importantes fontes autobiográficas. *Diário de Bitita* foi publicado pela primeira vez na França em 1982⁶². A publicação em português somente surgiu em 1986, após tradução do idioma francês. Originalmente o livro tinha como título “Um Brasil para os brasileiros”, expressão atribuída a Rui Barbosa, conforme narra a própria autora. O livro foi redigido nos anos setenta quando Carolina já se encontrava na Chácara Coração de Jesus, no bairro de Parelheiros. O contexto pessoal em que elaborou a obra se configurava, mais uma vez especial.

A mudança da “casa de alvenaria”, situada em Santana, ocorrera em função do agravamento da situação financeira, mas as condições de vida no sítio se mostraram também extremamente árduas. Fora a autora obrigada a retornar ao trabalho de camponesa, sustentando-se por meio de uma agricultura de subsistência que complementava os recursos escassos dos direitos autorais. *Diário de Bitita*, embora escrito em um momento difícil da vida, foi redigido como memória afetiva da infância. O texto reúne situações pueris e bem humoradas, porém, com uma novidade, pela primeira vez Carolina se dispunha a falar diretamente sobre a discriminação racial que experimentara no passado.

⁶¹ Levine, “Um olhar norte-americano”, p. 207.

⁶² Jesus, Carolina Maria de, *Journal de Bitita*, Paris, A. M. Metaille, 1992.

As difíceis condições de sobrevivência em Parelheiro provocaram maiores reações nos filhos. Dizia em depoimento a filha Vera Eunice: “Eu e meus irmãos quase enlouquecemos, mas para ela deve ter sido um GRANDE alívio”⁶³. Outros registros confirmam que Carolina parecia ter encontrado a tranquilidade que faltara na “casa de alvenaria”. A propósito, sempre cultivou um ideal de vida bucólico. Sentia-se recompensada em relação às frustrações e pressões experimentadas durante o período em que deixou a favela e passou a experimentar o ambiente social de classe média.

Diário de Bitita representa, portanto, um momento de pausa, em que se colocando de maneira mais introspectiva a autora decidiu rever o passado. Confirma através da narrativa que possuía uma memória privilegiada. Relembra com detalhes de fatos ocorridos na infância. O livro documenta os primeiros anos de vida em Sacramento e prossegue até 1937. Do ponto de vista biográfico as informações preenchem retrospectivamente o vazio não contemplado pelos diários. O livro compõe-se de um conjunto de relatos sobre a vida familiar, o cotidiano em Sacramento e a inserção no trabalho rural. Descreve práticas de racismo identificadas na ação dos cidadãos comuns, policiais e autoridades públicas, que integravam a vida do pequeno município mineiro. Apresenta também uma interessante caracterização dos membros da família extensa.

A exploração do trabalho no sistema de colonato é discutida através de experiências concretas. O livro reúne narrativas interessantes em que, se colocando como cronista do passado, aborda a situação social dos colonos e negros nas pequenas cidades do interior de Minas Gerais e São Paulo. Resgata por meio de incursões à história do Brasil o debate ideológico sobre raça e cidadania que vigorava nos anos 20 e 30. Confirma que as elites de Sacramento reproduziam as discussões sobre a integração gradativa dos negros à nação por meio do apagamento do passado escravo. O contexto ao qual se refere é o da elaboração do mito da democracia racial. A identidade brasileira por essa época já não poderia mais ser alicerçada na ideia de raça, conforme as premissas do “racismo científico” do século XIX. Na perspectiva que se esboçava as diferenças étnicas e regionais seriam reunidas na unidade mestiça que caracterizaria o brasileiro. O título inicial do livro “Um Brasil para os brasileiros”, não se referia apenas a uma frase atribuída a Rui Barbosa, mas a um projeto ideológico, por vezes visto com simpatia por Carolina. Curiosamente, é neste mesmo texto que a vemos desenvolver críticas ácidas ao racismo, mencionando situações vividas ou observadas na infância.

Os textos *Sócrates Africano* e *Minha vida* foram publicados como “anexos” ao livro *Cinderela negra* (1994). As estruturas narrativas e gramaticais sugerem anterioridade

⁶³ Meihy & Levine, *Cinderela negra*, p. 80.

em relação a *Diário de Bitita*⁶⁴. Em *Sócrates africano* Carolina descreve de maneira afetiva a admiração que nutria pelo avô materno. Apresenta-o como sendo de origem étnica *cabinda* e um sábio da tradição oral. Trata-se de um documento fundamental em que revela com afetividade e orgulho ascendência africana. O texto *Minha Vida* focaliza igualmente experiências da infância, adolescência e juventude, mas acrescenta também fatos ocorridos na década de 1940, quando a escritora já havia se fixado na capital paulista. Inclui algumas poucas informações sobre o período 1937-1948, a época menos conhecida da sua biografia.

-x-x-x-

A partir da análise da produção literária identificamos quatro períodos distintos na história de vida de Carolina. O primeiro compreende a infância em Sacramento, e se estende até 1937, ano da migração para a capital paulista. O livro *Diário de Bitita* e os textos *Sócrates Africano* e *Minha vida* registram informações sobre essa época. A vida em família, o trabalho nas fazendas, no sistema de colonato, nos cafezais paulistanos, o enfrentamento do racismo, a breve escolarização e o fascínio pela leitura, aparecem como temas centrais de um momento marcado por trajetórias instáveis e deslocamentos descontínuos entre as pequenas cidades do interior mineiro e paulista.

O segundo período corresponde ao intervalo entre 1937 e 1948. Inicia-se com a migração para a capital paulista e encerra-se com a mudança para a favela do Canindé. Caracteriza-se pela atividade de empregada doméstica e a tentativa de firmar-se no campo da literatura como “poetisa negra”. O livro *Pedaços da fome* discute situações que conheceu ou experimentou de forma direta, a condição opressiva no trabalho de empregada doméstica, a habitação em cortiços e a crise urbana do pós-guerra.

O terceiro período compreende o intervalo 1948-1964. Apresenta como marco inicial a mudança para a favela do Canindé e encerra-se com a fixação em definitivo da escritora na chácara em Parelheiros. Nesse momento observamos de forma mais direta as implicações dos livros no curso de sua vida. O projeto de deixar a favela por meio da escrita foi finalmente alcançado. Entre os anos de 1960 e 1963 foram publicados os principais livros, *Quarto de despejo*, *Casa de Alvenaria*, *Pedaços da fome* e *Provérbios*. Foi nesse momento que conheceu o sucesso e a exploração da imagem na mídia, experimentou as difíceis relações com o mercado editorial, foi assediada por pessoas dos mais diferentes segmentos sociais. Obteve dinheiro suficiente para deixar a favela,

⁶⁴ Empregamos este parâmetro para a aferição do momento em que o texto foi escrito, uma vez que se admite que exista uma tendência da narrativa carolinana em aproximar-se progressivamente da *norma culta*.

conheceu, porém, na mesma velocidade o retorno ao anonimato e a difícil luta pela sobrevivência.

O quarto período foi marcado pelas experiências transcorridas entre 1964 e 1977, quando passou a residir em Parelheiros. Lá produziu os últimos escritos e veio a falecer. Datam dessa época o livro *Diário de Bitita*, lançado postumamente, o romance inédito *O Escravo* e as peças de teatro, também inéditas. Nesse período a vida pessoal tornou-se reservada. Carolina passou a depender financeiramente da renda propiciada pelos direitos autorais que lhe chegavam do exterior. Uma pequena produção para a subsistência complementava o sustento da família. Algumas poucas informações sobre a nova vida somente circulavam esporadicamente na imprensa. Viveu em 1976 a breve expectativa de retorno ao sucesso com a reedição de *Quarto de despejo*, mas faleceu no ano seguinte, praticamente no anonimato.

Os temas da opressão e da liberdade são importantes fios condutores da narrativa carolinana. Podemos interpretar esta presença como a manifestação do profundo desejo de se libertar dos grilhões do racismo e da miséria que enfrentava na vida real. O fato de a liberdade permanecer no centro das atenções permite concluir que, do ponto de vista dos negros das primeiras décadas do século passado, o ato formal da abolição da escravatura foi insuficiente para criar as condições para o exercício da cidadania. A grande maioria padeceu em silêncio sob as penosas experiências de trabalhadores livres nas metrópoles. Carolina foi exceção em um aspecto, conseguiu documentar a própria trajetória por meio da escrita e, mesmo inconscientemente, emprestou sua voz para entoar o canto de sofrimento dos silenciados.

Bibliografia

- ANDREWS, George R. *Negros e brancos em São Paulo (1888-1988)*. São Paulo, EDUSC, 1998.
- BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina*, Porto Alegre, Mercado Aberto, 1987.
- _____. *Introdução à literatura negra*. São Paulo, Brasiliense, 1988.
- BERND, Zilá (org.) *Poesia negra brasileira. Antologia*. Porto Alegre, AEG Editora, 1992.
- BONDUKI, Nabil. “Crise de habitação e a luta política no pós-guerra”. In: KOWARICK, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- CALDEIRA, Tereza Pires do Rio. *Cidade de Muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. São Paulo, EDUSP/Ed. 34, 200.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados. O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- FERNANDES, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. São Paulo, Ática, 1978.

- JESUS, Carolina Maria de. *Quarto de despejo. Diário de uma favelada*. São Paulo, Francisco Alves, 1960.
- _____. *Quarto de despejo. Diário de uma favela*. São Paulo, Ed. Ática, 1998, 7ª ed.
- _____. *Casa de Alvenaria. Diário de uma ex-favelada*. São Paulo, Francisco Alves, 1961.
- _____. *Diário de Bitita*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986.
- _____. *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1996.
- _____. *Meu estranho diário*. São Paulo, Xamã, 1996.
- _____. *Obrigado senhor vigário*, mimeo, s/d.
- _____. “Minha vida”. In: MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.
- _____. “Sócrates Africano”. MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.
- KARASCH, Mary C. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro 1808-1850*. São Paulo, Companhia das Letras, 2000.
- LAIJOLO, Marisa. “A leitora no quarto dos fundos”. In: *Leitura Teoria & Prática*. São Paulo, jun. 1995, ano 14, n. 25.
- _____. “Poesia no quarto de despejo, ou um ramo de rosas para Carolina”. Jesus, Carolina Maria & Meihy, José Carlos Sebe B. (org.) *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1996.
- LEVINE, Robert. “Um olhar americano”. In: MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.
- LIENHARD, Martin. *La voz e su huella: escritura e conflicto étnico-social em América Latina (1942-1988)*. Ciudad de La Habana, Casa de las Américas, 1990.
- _____. “La représentation de l’oralité populaire ou marginale dans des textes modernes d’Amérique Latine et d’Afrique lusophone”, *Versants*, 30, pp. 9-29, 1996.
- MAINGUENEAU, Dominique. *O contexto da obra literária. Enunciação, escritor e sociedade*. São Paulo, Martins Fontes, 1995.
- MEIHY, José Carlos Sebe & LEVINE, Robert. *Cinderela negra. A saga de Carolina Maria de Jesus*. Rio de Janeiro, Ed. UFRJ, 1994.
- _____. “O inventário de uma certa poetisa”. In: MEIHY, José Carlos Sebe B (org.) *Antologia pessoal*. Rio de Janeiro, Ed. UFR, 1996.
- _____. “Os fios do desafio: o retrato de Carolina Maria de Jesus no tempo presente”. In: SILVA, Vagner Gonçalves. *Artes do corpo*. São Paulo, Selo Negro Edições, 2004.
- PATAI, Daphane. *Brasilian women speak*. New Brunswick, Rutgers University Press, 1988.
- REVISTA DO ARQUIVO MUNICIPAL, nº 82, 1942.
- ROLNICK, Raquel. “São Paulo, início da industrialização: o espaço e a política”, In: Kowarick, Lúcio (org.). *As lutas sociais e a cidade*. São Paulo e Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SILVA, José Carlos Gomes. *Os sub-urbanos e a outra face da cidade. Negros em São Paulo, cotidiano, lazer e cidadania*. Dissertação de mestrado, Unicamp, 1990.
- _____. “Negros em São Paulo: espaço público e cidadania”. In: NIEMEYER, Ana Maria e GODOI, Emília P. (orgs.). *Além dos territórios*. São Paulo, Mercado de Letras, 1998.
- VOGT, Carlos. “Trabalho, pobreza e trabalho intelectual (O Quarto de despejo de Carolina Maria de Jesus)”. In: SCHARCZ, Roberto. *Os pobres na literatura brasileira*. São Paulo, Brasiliense, 1983.